

## **Da importância de não ser filósofo - Um certo “Clima” e a docência de Jean Maugüé.**

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Esta espécie de “biografia de grupo” – procedimento sobre o qual não nos deteremos no que tange a eventuais dificuldades epistemológico-metodológicas – é parte da investigação “Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias”, que vimos desenvolvendo a partir de 2009. O título inspira-se, como se poderá verificar na seqüência do texto, em um artigo de Antonio Candido, publicado em 2007, na forma de uma homenagem, nem por isso pouco analítica, a seu antigo professor Jean Maugüé – um dos primeiros integrantes da “Missão Francesa”, tão importante na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP)<sup>1</sup>.

Quanto ao foco de nossa pesquisa, trata-se, cumpre dizer, de uma espécie de “problematização paralela”, aspecto em nada negligenciável: quando investigamos, nem sempre nos deparamos apenas com o que a princípio procurávamos, e somente um acadêmico cuja escrita fosse inteiramente conduzida pela dimensão do instituído evitaria deixar-se levar por aquilo que lhe desperta uma curiosidade não planejada.

Pois não há qualquer registro de que Foucault tenha convivido com os membros de “Clima” – denominação retroativamente atribuída a um grupo de amigos, estudantes universitários, a partir do lançamento, em 1941, da revista do mesmo nome. Ficcional tal encontro, entretanto, oferece novos matizes à pesquisa sobre a FFCL-USP, bem como sobre “um certo Foucault” – o de meados dos anos 1960. John Rajchman o vê, à época, como um “sublime modernista”<sup>2</sup> que tudo espera da Literatura, inclusive (quicê principalmente) a ruptura com a ordem do presente, perspectiva que o filósofo francês só abandonará na passagem para os anos 1970. Além do mais, Foucault é, ao longo da década de 1960, ativo colaborador de várias revistas de crítica literária, como *Critique*, *Tel Quel*, *La Nouvelle Revue Française*, *Les Lettres Françaises* etc.

Nem a “Cronologia” de Defert<sup>3</sup> nem as biografias de Eribon<sup>4</sup> e Macey<sup>5</sup> reportam qualquer contato de Foucault com os membros de “Clima”. Além de Gerard Lebrun, que fizera o convite à FFCL-USP, são citados somente José Arthur Giannotti, Ruy Fausto, Roberto Schwartz, Lupe Cotrim Garaude e Betty Milan<sup>6</sup>.

Apesar disso, falemos de “Clima”, em função do singular percurso do grupo. Colegas, alguns, na FFCL-USP desde o fim dos anos 1930, frequentadores das rodas de

intelectuais da cidade de São Paulo – bastante “concentradas”, naquele tempo –, esses jovens alçarão vôo rapidamente em direção às colunas e/ou suplementos dos grandes jornais e, simultânea ou sucessivamente, à carreira universitária, a partir do lançamento de uma publicação de vida breve.

Até 1940 mero sonho acalentado por estudantes desejosos de pôr suas idéias no papel, segundo depoimento de Antonio Candido<sup>7</sup>, a revista surgiu por iniciativa de Alfredo Mesquita<sup>8</sup>, que já era escritor conhecido. Juntamente com Lourival Gomes Machado, assim distribuiu ele as funções no periódico, sequer batizado ainda: teatro, Décio de Almeida Prado; cinema, Paulo Emílio Sales Gomes; artes plásticas, Lourival Gomes Machado; livros, Antonio Candido de Mello e Souza; música, Antônio Branco Lefèvre; ciências, Marcelo Dany de Souza Santos. Um pouco mais tarde, foi acrescentada a seção de Economia e Direito, a cargo de Roberto Pinto de Souza. Havia também colaboradores permanentes, que podiam exercer múltiplas tarefas e circular entre as seções: Gilda de Moraes Rocha (depois Mello e Souza), Cícero Cristiano de Souza e Ruy Coelho. Curiosamente, nenhum dos redatores provinha do curso de Letras. Eram alunos de Ciências Sociais e Filosofia (a maioria) e/ou mesmo de Medicina, como no caso de Lefèvre<sup>9</sup>.

A decisão sobre o nome da revista, circunstância em que as hipóteses (descartadas) são indicativas de desmedidas ambições – “Revista Paulista de Cultura” e “São Paulo para o Brasil”, entre outras –, acabou surgindo ao acaso, revelando, uma vez mais, o prestígio da cultura e idioma franceses entre nós: “...no início de 1941, quando estavam saindo da Confeitaria Seleta (...), pararam em frente à vitrine de uma loja que ostentava ‘um enorme cartaz de vilegiatura, escrito com letras bem grandes, em francês, *CLIMAT*. Lourival apontou o dedo e disse: Olha o nome da revista!’”<sup>10</sup>.

O título nada tinha de politicamente desafiador, mas o primeiro número, datado de abril de 1941, tendo o modernista Mário de Andrade como patrono, custou a vir à luz. Se a ditadura militar fez malogrem as conferências de Foucault em 1965, vivíamos nos anos 1930/40 outra ditadura, a do Estado Novo, com o seu tristemente famoso DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), cujos “cães de guarda” farejavam tudo o que se pretendesse editar, encenar e/ou projetar.

Quanto a isso, relata Paulo Emílio Sales Gomes que, pouco antes do lançamento de *Clima*, o Clube de Cinema, também vinculado à FFCL-USP, foi fechado pela censura sob o argumento de promover a subversão. Inconformado, ele viajou ao Rio de Janeiro e lá se encontrou com Israel Souto, autor da medida: “...tive com ele uma conversa incrível. ‘A

juventude é ingênua’, explicou-me (...), ‘deixa-se convencer facilmente pela propaganda subversiva. Vou lhe dar um exemplo. Vocês vêem uma fita russa, onde aparece uma mulher gorda, saudável, cheia de vida, amamentando um bebê risonho. Aparentemente, nada mais inocente. Mas precisamente aí é que está a propaganda, porque nós sabemos que na verdade as coisas na Rússia não são assim e a juventude se pode deixar enganar. Estou lhe dando o exemplo de um filme que eu vi. Agora imagine o que há por aí que nós não sabemos...’<sup>11</sup>.

Ao contrário do Clube de Cinema, *Clima* foi liberado, por intermediação de um nome famoso, o poeta Augusto Frederico Schmidt, e veio a público em maio de 1941. Até novembro do mesmo ano, somaram-se mais 7 edições, mantendo a periodicidade mensal; após breve interrupção, outras 3 edições, de abril a agosto de 1942, em ritmo bimestral. Já o número 12 somente saiu em abril de 1943. Problemas financeiros associados à guerra e à entrada do Brasil no conflito implicaram nova parada: apenas em agosto de 1944 deu-se o retorno de *Clima*, com o lançamento, até novembro, de 4 novos números. Totalizando 16 edições, a revista encerrou-se definitivamente, embora não o grupo.

A pesquisa sobre o percurso de “Clima” é fascinante e poderia levar-nos a um incontornável desvio de rota: as narrativas a respeito, por parte dos criadores, são abundantes. É preciso lembrar, portanto, que o estímulo para iniciá-la surgiu de uma fantasia sobre um eventual contato do grupo com Michel Foucault – provavelmente não acontecido em termos de encontro de corpos, mas profícuo para pensar as diferenças presentes na FFCL-USP desde a sua criação.

Acompanhando Paulo Arantes<sup>12</sup>, inúmeras vezes temos assinalado a ênfase ali posta na “análise interna” dos textos filosóficos. Este modo de filosofar menos julgava do que dissecava escritos e obras, contribuindo para o contraponto USP *versus* ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). Na FFCL, não se deveria fazer da cátedra uma tribuna: fabricar ideologias para o povo estava, assim, descartado em princípio. Tal método, cumpre ressaltar, fazia da filosofia uspiana algo “ensimesmado”, intra-muros ou academicista, num momento em que a discussão dos problemas do Brasil (e a correlata invenção de soluções) estava na ordem do dia.

Porém o grupo “Clima”, com seus amplos horizontes e sua revista, contrastava com a postura hegemônica do fazer filosófico na FFCL. Lançava-se ao exterior, à cidade, ao cotidiano: livros, filmes, peças teatrais, inovações científicas que alteravam a existência, tudo lhe interessava, conquanto mantivesse certa reserva política<sup>13</sup>. Por outro lado, o tipo de crítica que grupo e revista praticavam era original justamente porque marcado pela nova

universidade: a filosofia e as ciências sociais ensinadas na FFCL ofereciam bases de trabalho distanciadas do ensaísmo bacharelístico, do autodidatismo e do privilégio quase exclusivo, quanto à análise da arte, atribuído aos que efetivamente faziam arte – tendências predominantes, até então, nos rodapés dos jornais e/ou em escritos mais avultados de revistas literárias.

Restringindo-nos à Literatura, que nos interessa mais de perto, ouçamos, a respeito, Ruy Coelho: “...nós não revelamos grandes talentos de ficção e poesia. (...) Mas, do ponto de vista da crítica, uma crítica que se pretendia filosófica ou sociológica, (...) que visava a ser mais científica, nós tivemos influência. Eu creio que em relação às revistas anteriores, no panorama da literatura brasileira, a parte principal de *Clima* é esta noção de crítica. (...) Com todos os pedantismos e vícios que tem uma posição universitária”<sup>14</sup>.

Já no dizer de Antonio Candido, *Clima* era uma revista pesada, “tijolo” com grandes blocos de escrita e sem arejamento<sup>15</sup>. Nela eram defendidos o rigor científico e a seriedade intelectual, provocando, em resposta, a veia cômica de Oswald de Andrade, que apelidou de “chato-boys” os redatores da publicação. Remanescente da boêmia “geração Lapa”, o crítico Luis Martins, por seu lado, chamou-os de “geração Coca-Cola” – alcunha que remetia não tanto a serem abstêmios, pois nem todos o eram, mas à “precoce severidade, o severo bom comportamento daqueles estranhos rapazes”<sup>16</sup>.

Chatos, assépticos, sisudos...será esta uma descrição acurada do grupo e da revista? Não exatamente. Antonio Candido, por exemplo, chegou a publicar em *Clima* um “Manifesto Grouchista” – Marx, prenome Groucho, era um dos ídolos da turma. Além do mais, esses abstêmios morais eventualmente se dessubjetivavam via pseudônimos, como novamente revela Antonio Candido: “Eu era Inácio Borges de Melo, Joaquim Carneiro e Fabrício Antunes (...). Este último chegou a despertar curiosidade e comentários, porque afetava saber russo e dava palpites sobre Maiakovski. Mario de Andrade, a par do segredo, se divertia imensamente. Alfredo Mesquita foi Aluísio Buarque Vieira; Lourival Gomes Machado, Teixeira Cavalcanti...”<sup>17</sup>.

Filósofos e cientistas sérios, não muito distintos, nesse aspecto, daqueles companheiros que não ultrapassavam os muros da FFCL; por outro lado leves, sintonizados com o contemporâneo. Como entender, nesta linha analítica, a que tipo de transmissão está ligado o grupo “*Clima*” ou, ao menos, como entender o modo como ele próprio se entendeu outrora e/ou se entende hoje?

Não é novidade dizer que os professores franceses incentivaram os estudantes uspianos a conhecer o Brasil, e a fazê-lo sem dissociar teoria, método e procedimentos de

pesquisa. Lévi-Strauss e Roger Bastide são considerados os grandes mestres nesse aspecto. Para a turma de Clima, contudo, a influência decisiva parece provir do professor de filosofia Jean Maugüé, acerca do qual assim se expressa Gilda de Mello e Souza: “Maugüé não era apenas um professor – era uma maneira de andar e falar, que alguns de nós imitavam afetuosamente com perfeição; era um modo de abordar os assuntos, hesitando, como quem ainda não decidiu por onde começar e não sabe ao certo o que tem a dizer; e por isso se perde em atalhos, retrocede, retoma um pensamento que deixara incompleto, segue as ideias ao sabor das associações. Mas esse era o momento preparatório no qual, como um acrobata, esquentava os músculos; depois, alçava vôo e, então, era inigualável”<sup>18</sup>.

Antonio Candido, por sua parte, dedica ao ex-professor um pequeno artigo no qual louva, desde o título, “a importância de não ser filósofo”<sup>19</sup>, e o evoca com entusiasmo: “Quando começou a ensinar em São Paulo, no ano de 1935, (...) tinha trinta anos e ensinara num liceu de província. Era um rapagão louro, de olhos azuis, tipo bem nórdico, pouco convencional, céptico em relação às convenções universitárias, simpatizante comunista (o único da “Missão Francesa”), apaixonado por música, pintura, literatura. (...) Talvez a sua informação fosse menos sólida que a de outros colegas franceses, mas ele sabia transformá-la em fonte de inspiração (...). Dizia, por exemplo: ‘Quero que a filosofia lhes sirva para ler melhor o jornal, analisar melhor a política, compreender melhor o seu semelhante, entender melhor a literatura e o cinema’. Com estas idéias, se não formou filósofos, influenciou a vida intelectual de seus alunos”<sup>20</sup>.

Jean Maugüé deixou São Paulo em 1944 para juntar-se, como voluntário, às tropas da França Livre<sup>21</sup>, primeiro no Rio Grande do Norte (Natal) e depois no norte da África. Ao invés de retomar a carreira de professor em seu país de origem, tornou-se, no pós-guerra, membro dos serviços diplomáticos, permanecendo nessa atividade por 10 anos. Em seguida voltou a lecionar, desta vez no Liceu Carnot, em Paris, onde trabalhou até a aposentadoria, em 1974.

À década de 1950 pensou em retornar à USP, intenção a que não se opôs a Congregação. Martial Guérault estava nesse momento entre nós e considerou injustificável que preferissem Jean Maugüé a Yvon Beval, que, embora mais jovem, tinha carreira consolidada. Alegava Guérault que Maugüé “não era um filósofo”, comentário assim percebido por Antonio Candido: “...ele tinha perfeita razão do seu ponto de vista, mas pensei com meus botões que, justamente por ser como era, Maugüé fora tão importante para nosso grupo, formado por jovens que não desejavam ser filósofos e acabaram se dedicando quase todos a diferentes modalidades de crítica. Por isso foi providencial, tão

atuante e fecundo quanto os colegas que ficaram famosos, enquanto ele passou a vida na obscuridade”<sup>22</sup>.

Três anos antes de falecer, Maugüé publicou uma autobiografia intitulada *Les dents agacées*<sup>23</sup>, seu único trabalho de vulto<sup>24</sup>. Surpreendentemente (ou não?), o livro desse “filósofo infame”, “filósofo diferente” ou mesmo “não filósofo” *tout court* não pôde ser encontrado na biblioteca da USP. Uma fonte secundária<sup>25</sup> atenuou nossa curiosidade, sem esgotá-la, até que conseguimos importar a obra. Dela é possível extrair alguns trechos correlacionáveis com a questão “o que é a filosofia?”, tão presente nos debates uspianos de ontem e de hoje.

Quando estudante da École Normale Supérieure (ENS) – Maugüé pertenceu à geração de Sartre e Aron –, via-se ele aprisionado no reino da abstração. Ao preparar-se para o exame de agregação, obrigava-se a decorar “todas as combinações que podiam ligar o uno e o múltiplo no *Parmênides* de Platão. E até mesmo todas as combinações do mesmo e do outro no *Teeto*, no *Sofista* e no *Timeu*”<sup>26</sup>. Avaliava Maugüé, contudo, que nada disso o fazia aproximar-se de Platão, que ele assim redesenha em *Les dents agacées*: “Encontro a verdadeira presença de Platão naquilo que há de tagarelice infantil num grande poeta do pensamento, no início da *República*, por exemplo; o que há nele também de aristocrática ingenuidade quando fala dos ofícios e cala os escravos; e sobretudo nesse lento apagamento da figura de Sócrates dos primeiros diálogos...”<sup>27</sup>.

Perplexo em face das abstrações filosóficas, Maugüé conheceu, à época da ENS, as obras de Freud e Marx. Viu-os como dois amigos que o “liberavam de uma solidão insuportável”<sup>28</sup>. Apoiado em Freud, assim definiu o caráter de seu escrito autobiográfico: “todo escritor, toda escrita, tem a missão de dar a palavra àquelas que se calam”<sup>29</sup>. Quanto a Marx, além de reconhecer, em *O Capital*, o rigor científico de um historiador, igualmente percebeu ali um romance comparável aos de Balzac, a quem muito admirava: “Quando eu quis saber como a burguesia se apropriou das terras dos emigrados fui ler *Une ténébreuse affaire* e *Les paysans*. (...) Quando li a longa exposição do IV livro de *O Capital* (...) no que toca à expropriação dos pequenos vassallos ingleses no século XVI, com seus cinco arpentos de terra em concessão, suas ferramentas e apetrechos, seu gado, cuja vida não era possível senão pelo direito adquirido pelos bens comunais e bruscamente expulsos pela construção das cercas, (...) encontrei nessa exposição todo o rigor que se pode esperar de um historiador. Esse rigor não será diminuído se eu acrescentar que revi todo o drama que se pode esperar de um romance. Eis então como se constituiu essa

armada dos sem-trabalho, os vagabundos, chaga da Inglaterra do século XV ao século XIX, como foram a chaga do Antigo Regime, na França”<sup>30</sup>.

Conforme apontamos acima, Maugüé foi combatente junto aos Aliados. Suas observações relativas ao tempo que passou na base norte-americana de Natal possuem uma validade contemporânea, pois ele estabelece com grande acuidade a diferença entre a “guerra camponesa” – fuzis velhos, esforço, bravura e coragem – e a “guerra industrial”, feita com “as máquinas de matar mais perfeitas” e que “podia transcender todas as coragens, quão grandes fossem elas de um lado ou de outro”<sup>31</sup>. A guerra o levou a repensar, uma vez mais, seu lugar de intelectual: “...primeiro, durante todo o tempo que passei sob as armas, desaprendi a leitura e aquilo que é chamado de vida intelectual. Meus antigos colegas me pareciam distantes e seus jogos não me diziam nada”<sup>32</sup>.

Jornalista logo depois de aprovado no exame de agregação – somente a falência do periódico em que trabalhava o fez retornar ao ensino –, professor-missionário em São Paulo, combatente, diplomata e professor de liceu – eis uma pequena síntese da trajetória de Maugüé, plena de reviravoltas, muito afastada do que se costuma considerar uma “carreira”. Nos últimos anos de vida, finalmente escritor, ele procura esclarecer a razão por que publicou pouco: “Se adiei tanto escrever, não foi por falta de respeito à escrita. Pelo contrário. (...) Com efeito, ela impõe ao escritor (...) que se retire da vida. A palavra, ao contrário, à qual consagrei o essencial de meu tempo (...), não me demandou jamais um tal tipo de renúncia.(...) Passar à escrita é aceitar primeiramente, por um tempo, a ideia de que os jogos estão terminados, uma vez que não podes ao mesmo tempo agir sobre os eventos e enegrecer teu papel. Na medida em que minha vida não foi (...) nem suficientemente malograda nem suficientemente bem sucedida a meus olhos (...), covarde ou corajosamente, como se queira, eu adiei escrever”<sup>33</sup>.

Há tanto tempo estamos, nós, a enegrecer o papel a discorrer sobre Clima e sobre Maugüé, que é urgente rememorar o desencadeante: o provável não-encontro entre Foucault e Clima, acrescido do evidente não-encontro, ao menos em São Paulo, entre Foucault e Maugüé.

Embora as amizades se tenham preservado, por volta de 1965 – ano da primeira viagem de Foucault a São Paulo – o grupo “Clima” começava (ou mesmo acabava de) desfazer-se, justamente em função das “carreiras” universitárias; melhor dizendo, do fim dos “destinos mistos” – filosofia e literatura, ciências e artes, teatro e filosofia, cinema e ciências sociais, política e literatura etc – que tanto agradavam a Maugüé. Se tais destinos não desapareceram totalmente, seu declínio, ao menos, é atestado “pela expansão dos

cursos de letras, pela criação da Escola de Comunicação e Artes, pela implantação da pós-graduação nessas áreas, pelas revistas especializadas, pela transformação dos suplementos literários da grande imprensa”<sup>34</sup>, que fazem com que um eventual diálogo entre campos se trave, de agora em diante, a partir de lugares institucionais distintos.

Quanto aos integrantes do (antes) grupo Clima, definiram-se de modo estrito (restrito?) certos lugares na USP: após um período de dois anos em Assis, Antonio Candido tornou-se professor de Teoria Literária e Literatura Comparada no curso de Letras; Décio de Almeida Prado, professor-colaborador de Literatura Brasileira no mesmo curso, com ênfase em História do Teatro Brasileiro; Paulo Emílio Sales Gomes, que deixara a UNB após o Golpe de 1964, professor de Teoria Literária e Literatura Comparada no curso de Letras e, com o doutoramento (uma tese sobre a cinematografia de Humberto Mauro), professor de Teoria e História do Cinema na Escola de Comunicação e Artes (ECA). Lourival Gomes Machado prosseguiu na cadeira de Política, que ocupava desde 1954, com ênfase nas artes e no direito; Gilda de Mello e Souza, na de Estética, também assumida há cerca de dez anos, no Departamento de Filosofia. Ruy Coelho, por sua vez, em 1964 foi aprovado em concurso para a cadeira de Sociologia II, ao retornar de um doutorado nos Estados Unidos.

Numa frase que se transformou em fórmula, Ruy Coelho disse certa vez que Florestan Fernandes, no início da carreira, era “uma ilha de sociologia cercada de literatura por todos os lados”<sup>35</sup>. No momento do qual falamos, os anos 1960, eventuais ilhas procuram agrupar-se em arquipélagos instituídos: alguns o conseguem – mudando de curso, de faculdade, de departamento; outros permanecem ilhados e, dado o sucesso (?) dos primeiros, tornam-se quiçá “ilhotas”, pois perdem preciosos interlocutores.

Apenas exercícios de ficção, que muito apreciamos, nos fazem supor que Michel Foucault, em 1965, quando ainda escrevia *As palavras e as coisas*, teria gostado das críticas de *Clima* – estas eram, se recordarmos os anos 1940, ilhas literárias “cercadas de filosofia por todos os lados”, despreocupadas com a formação de arquipélagos identitários. Algum apoio a nossa hipótese encontramos em Roberto Machado, quando este nos diz que, em uma série de entrevistas concedidas por Foucault ao longo da década de 1960, “é possível notar sua reticência em se considerar filósofo, seja lamentando que a filosofia se tenha tornado uma disciplina universitária sem importância, seja argumentando historicamente que ela não existe mais como atividade autônoma, encontrando-se disseminada por atividades científicas, políticas ou literárias”<sup>36</sup>. E o filósofo brasileiro prossegue, esclarecendo que, com tais asserções, na esteira de Nietzsche e da recusa das

Filosofias da Consciência, Foucault não fala de um bombástico “fim da filosofia”, mas de sua “insatisfação com a redução, facilmente observada na atualidade, do filósofo ao historiador da filosofia e o conseqüente desaparecimento da dimensão crítica da atividade filosófica e sua exigência de criação do novo, do diferente”<sup>37</sup>.

Em nosso projeto de pesquisa, com apoio em *Um departamento francês de ultramar*, de Paulo Arantes, afirmamos que em meados dos anos 1960 se havia estabelecido na FFCL-USP um método bem determinado: os alunos não deveriam, como era prática comum entre seus contemporâneos, dedicar-se à criação, à elaboração de teses filosóficas, mas voltar-se exatamente...para a história da Filosofia – postura que significava realizar a “análise interna” dos textos clássicos, sob a égide dos paradigmas propostos por Martial Guéroult e Victor Goldschmidt. Quanto a tais paradigmas, Oswaldo Porchat, um dos professores assistentes a partilhar as regras do filosofar uspiano, pontificava então: “É certo que uma tal atitude, própria de quem não quer julgar um autor, mas compreendê-lo, exige um esforço penetrante de inteligência, uma rigorosa disciplina intelectual (...). Exige que o intérprete se faça discípulo – ainda que provisoriamente – e discípulo fiel (...). Um historicismo superficial torna-se apenas pretexto para dogmatismos fáceis e intolerantes: “refuta-se”, “julga-se”, critica-se um autor e sua doutrina, sem ter-se levado a cabo a exigência de compreensão objetiva”<sup>38</sup>.

Não à toa, e certamente não só em função da USP – recordemos *Les dents agacées* –, Jean Maugué teve, como filósofo, percurso tortuoso, a ponto...de não o ser, segundo muitos – talvez, inclusive, por sempre iniciar suas aulas com elementos da atualidade política, cultural etc. Maugué chamava Sartre de amigo e, como este, ansiava pelo vivido, o experiencial, o concreto. Dizia-se comunista de estrita obediência partidária. Mas prezava a filosofia como atividade criadora, amava a literatura e a pintura; via em Marx, além do cientista, o romancista – postura que nada tinha de ortodoxa – e, em Freud, a assunção dos riscos do discurso. Os instituídos terão afastado Foucault e Maugué, se é que se conheceram na França; caso não, é provável que os teriam igualmente distanciado. Mas, ao mesmo tempo, as buscas de ruptura com a ordem do presente, a valorização da amizade como modo de vida, a suspeita quanto às grandes teorias sistemáticas, o apreço pela filosofia como ferramenta diagnóstica, o interesse vital-conceitual por literatura e pintura, a crítica acurada dos jogos de saber-poder, a análise da linguagem...poderiam tê-los aproximado. Também Foucault um dia pensará em deixar a filosofia pelo jornalismo e em ser diplomata nos Estados Unidos; e se não combateu na guerra, o “acaso das lutas” foi seu modelo de pensamento, a fim de contrariar essências, origens e/ou destinações pré-fixadas.

Maugüé sempre sugeriu ao grupo Clima que fizesse uma revista menos pesada, e decerto Foucault se encantaria com os manifestos grouchistas e com “filósofos mascarados”, sob pseudônimos<sup>39</sup>, a ler e debater Maiakovski...no original.

Mas isso é quase criar um “outro clima”, o das certezas<sup>40</sup>. A fim de evitá-lo, cumpre finalizar este breve ensaio...biográfico?

---

<sup>1</sup> Para detalhes sobre a “Missão Francesa”, ver RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Um (bom?) departamento francês de ultramar. Michel Foucault no Brasil, 1965. *Mnemosine*, v.6(2), pp.183 - 200, 2010.

<sup>2</sup> RAJCHMAN, John. *Foucault, a liberdade da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

<sup>3</sup> DEFERT, Daniel. *Cronologia*. Em: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos I. Problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

<sup>4</sup> ERIBON, Didier. *Michel Foucault: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>5</sup> MACEY, David. *The lives of Michel Foucault*. New York: Vintage Books, 1993.

<sup>6</sup> Lupe Cotrim Garaude era poeta e Betty Milan, a despeito (ou por causa de) ligações com a Psicanálise, tinha nexos com a literatura. Mas não eram próximas, ao que sabemos, de Clima.

<sup>7</sup> CANDIDO, A. Depoimento sobre Clima. *Discurso*, nr. 8, 1978

<sup>8</sup> Irmão de Julio de Mesquita Filho, um dos idealizadores da USP, Alfredo Mesquita estreou como crítico de teatro no *Estadão* entre 1936 e 1938. A partir de 1939, começou a fazer teatro amador, sendo autor da peça *Dona Branca*. Sua posição cultural e política facultava que conseguisse os anúncios de que *Clima* precisava para manter-se.

<sup>9</sup> Lefèvre (1920-1981) freqüentava as aulas de filosofia da FFCL e, por isso, juntou-se ao grupo. Ganharia futuramente destaque na medicina como um dos primeiros especialistas em neurologia infantil, sem jamais abandonar o interesse pela música. Nos artigos para *Clima*, revelava horror à ópera, associando-a aos imigrantes italianos residentes em São Paulo, bem como aos programas radiofônicos, a seu ver totalmente ignorantes quanto ao que seria música séria. Esses contrastes entre o erudito e o popular, o sofisticado e o vulgar etc. estavam presentes também em outras seções da revista, cujos redatores se percebiam socialmente distanciados das “massas incultas e sofredoras” (Nota da Redação. Clima nr. 12, abr/1943, p.3, *apud* PONTES, H. *Destinos mistos. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.138).

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido a Heloisa Pontes. Em: PONTES, H., *op.cit.*, p.97.

<sup>11</sup> Depoimento de Paulo Emílio Sales Gomes, *apud* GALVÃO, M.R. *Burguesia e cinema: o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p.33.

<sup>12</sup> ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 60)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

<sup>13</sup> *Clima* viveu, segundo Antonio Candido, duas fases políticas, estando a transição marcada pelos números 11 e 12. De início adepta do trabalho “puramente intelectual” – reverente ao passado modernista imediato e distanciada das ideologias em voga, a ponto de aceitar colaboradores reconhecidamente direitistas, desde que talentosos –, modifica sua orientação com a entrada do Brasil na guerra. Posiciona-se então, de forma radical, contra o fascismo e se declara adepta de um socialismo independente, desvinculado do stalinismo e do trotskismo. Informações mais detalhadas estão em CANDIDO, A. *op. cit.*, 1978, pp. 186-191 e PONTES, H. *op. cit.*, pp. 114-123.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Ruy Coelho a CAVALCANTE, Neusa. *Clima: contribuições para o estudo do modernismo*. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 1978, *apud* PONTES, H., *op. cit.*, p. 98.

<sup>15</sup> CANDIDO, A., *op. cit.*, 1978, p. 190.

<sup>16</sup> MARTINS, L. *Um bom sujeito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, *apud* PONTES, H., op. cit., p. 73. As moças de Clima parecem ser ignoradas, mas o tema excede nosso fôlego no momento. Indicações a respeito estão em PONTES, H., op.cit, pp. 125-143.

<sup>17</sup> CANDIDO, A., op.cit., 1978, p. 193.

<sup>18</sup> MELLO e SOUZA, G. A estética rica e a estética pobre dos professores franceses. *Discurso* nr. 9, 1979, p. 10.

<sup>19</sup> CANDIDO, A. A importância de não ser filósofo. *Discurso* nr. 37, 2007.

<sup>20</sup> Idem, p. 9.

<sup>21</sup> Em 1944, na solenidade de colação de grau da FFCL-USP, o orador da turma, Paulo Emílio Sales Gomes – o membro mais “à esquerda” do grupo “Clima” – homenageou os professores franceses através de Jean Maugué, “atualmente soldado francês em alguma parte do mundo”. Cf. MARTINS, W. *História da inteligência brasileira vol. VII*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1994, p. 208.

<sup>22</sup> CANDIDO, op. cit., 2007, p.13.

<sup>23</sup> MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1982

<sup>24</sup> Maugué não era, claro, um agráfico total. No período brasileiro, destacam-se os ensaios “O ensino da filosofia: suas diretrizes” (1937), “A pintura moderna” (1940) e “Os problemas da pintura moderna”(1940), além de um artigo em *O Estado de São Paulo* quando da morte de Freud, como informa MELLO e SOUZA, G., op. cit., 1979, pp. 10-11.

<sup>25</sup> SILVA NETO, N.A. Subsídios para a construção de uma visão completa do legado de Jean Maugué (1904-1985). *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*. Ano XXVII, nr. 1/07.

<sup>26</sup> MAUGÜÉ, J., op. cit., p. 43.

<sup>27</sup> Idem, idem.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 177.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>34</sup> PONTES, H. op. cit., p. 200

<sup>35</sup> Frase citada por Antonio Candido no prefácio que escreveu para FERNANDES, F. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. XI.

<sup>36</sup> MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2000, p. 10.

<sup>37</sup> Idem, p. 10-11.

<sup>38</sup> PORCHAT, *apud* Arantes, 1994, op. cit., p. 99.

<sup>39</sup> Referência a FOUCAULT, M. Le philosophe masqué (1980). Em: *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994, pp. 104-110 e FOUCAULT, M. Foucault (1984). Em: *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994, pp.631-636. O primeiro é uma entrevista concedida a *Le Monde*, na qual Foucault não se identifica. O segundo, um verbete do *Dictionnaire des philosophes*, de Denis Huisman, em que, sob o pseudônimo Maurice Florence (M.F.), ele escreve sobre...Michel Foucault.

<sup>40</sup> Nossa metodologia, um tanto “indiciária”, por vezes se defronta com coincidências divertidas. O presente texto já estava pronto quando encontramos duas referências jornalísticas: a primeira diz que no apartamento parisiense de Foucault se tomava LSD ao som de Mahler e das comédias dos irmãos Marx (LEITE NETO, A. Foucault, o intempestivo. *Caderno Ilustríssima*, FSP, 22/05/2011, p. 4); a segunda afirma que, segundo Renato Janine Ribeiro, Foucault teria ficado muito impressionado com Antonio Cândido quando de suas passagens pela USP (LUDVIK, Caio. Foucault na USP, *Cult*, nr. 159, ano 14, jul/2011, p.41).